
ROUSSEAU RACIONALISTA ?

O RACIONALISMO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Apresentação

Os dois pequenos excertos aqui apresentados integram uma obra que, publicada em 1948 e não obstante ter-se tornado uma referência nos estudos sobre Rousseau, mantém-se até hoje inédita em nossa língua. Nela, Robert Derathé busca responder às imputações opostas – de empedernido racionalismo ou de sentimentalismo exacerbado – de que o filósofo pode se fazer igualmente objeto, em seu tempo e na posteridade. E se a questão parece especialmente capciosa, é porque, de fato, a nenhuma das duas posições faltarão passagens que sirvam de clara confirmação.

Rousseau, reconhece Derathé, por vezes defende a razão contra o caráter enganador dos sentimentos; por vezes, ao contrário, elege o sentimento inato da consciência contra os desvios e os sofismas da pura razão. Outras vezes, ainda, é a própria antítese que é recusada – e já, então, razão e consciência são dadas como forças complementares e inseparáveis em uma vida virtuosa. Ora, buscar encontrar, por detrás das contradições aparentemente insuperáveis, o fio do pensamento do autor é a tarefa, sugere Derathé, de um bom intérprete.

E é a esta tarefa, exatamente, que ele se dedica em *Le rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*. Ao fim da minuciosa análise realizada por Derathé, esboça-se a figura de um pensamento que, polêmico, manteve-se todavia menos ávido de respostas do que comprometido com as questões a que se dedicava.

Rousseau foi, definitivamente, um racionalista, conclui Derathé – opondo-se assim a comentaristas que, tal como em sua época Pierre-Maurice Masson, explicitamente mencionado, acreditaram identificar no pensamento do autor do *Emílio* um sentimentalismo se não avesso à razão, pelo menos sobre ela claramente predominante. Para tanto, servindo-se das críticas que, em sua contemporaneidade, Rousseau havia amealhado de parte, sobretudo, dos teólogos católicos, Derathé propõe que, aos olhos do filósofo que sustentou a bondade natural do humano, a razão não poderia jamais se constituir em uma faculdade suspeita, deformada pelos vícios do pecado original.

O comentarista se preocupa, porém, em distinguir o que concede ao racionalismo rousseauiano toda sua originalidade: e, para começar, o próprio estatuto da razão – que, longe de ser, como pretendiam os iluministas, todo poderosa, é para Rousseau limitada e vulnerável, podendo ser corrompida pelas paixões que florescem no ambiente social.

Em suma, a tese de Derathé é a de que a obra de Rousseau consagra um racionalismo prático, preocupado com as questões que tocam à consciência e à virtude, e não com o projeto de expansão ilimitada do saber e do poder que os modernos conceberam.

Mas, por que afinal seria tão importante saber se Rousseau foi, de fato, ou não, «racionalista»? Qual a importância, nos dias de hoje, de uma obra que busca caracterizar o racionalismo rousseauiano em sua

originalidade e força? Em suma, o que teria este precioso estudo a nos acrescentar?

Parece-me que, para nós, o que está ainda em jogo aí é menos a possibilidade de submeter um pensamento rebelde e livre como o do genebrino às rédeas curtas da classificação e da rotulação, do que vislumbrar como se pôde construir, em pleno século de culto de uma razão rapidamente assimilada ao cognitivismo, uma reflexão antropológica que visa o ser encarnado, sem concessões com as soluções de facilidade que encantaram o período, mas também sem escamotear a profunda complexidade de que é feita a realidade humana.

Neste sentido, as páginas de Derathé aqui traduzidas se apresentam como um tira-gosto de um trabalho que, com profunda delicadeza e rigor, extrai do pensamento de Rousseau algumas de suas mais importantes contribuições para o pensamento e a prática da formação humana.

Lilian do Valle